

# A revolução digital e a Invernada Tupiniquim

O que impressiona nas manifestações de junho é a semelhança com a web. Anônimo, sem intermediários e anárquico, o movimento é a cara da era digital



LUÍZ ANTONIO JOIA

**Q**uando Tim Berners-Lee desenvolveu a World Wide Web (ou web, para os mais íntimos), sua intenção era criar uma plataforma onde cientistas pudessem se comunicar e trocar informações e experiências, algo muito importante e necessário na vida acadêmica. No entanto, o surgimento da web trouxe muito mais do que se esperava inicialmente.

Esse potencial da web foi brilhantemente capturado por Manuel Castells que, em uma trilogia denominada Internet Galaxy, descreveu o potencial da rede e as possíveis consequências de um mundo conectado por meio de um mesmo protocolo de comunicação. A mensagem de Castells e de outros era a de que entraríamos na era das redes e que ela mudaria a maneira como iríamos nos comunicar, divertir, trabalhar, fazer negócios, aprender e fazer política. Para esses estudiosos, o computador seria a rede, e a rede seria a própria mensagem.

Tanto isso é verdade que a partir do ano 2000, os sistemas baseados na internet passaram a ser adotados pela administração pública, naquilo que se convencionou chamar de governo eletrônico. Depois entrou em cena uma área denominada

e-participation (ou participação eletrônica), que visava, e visa até hoje, entender como a TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) e a internet podem propiciar e mediar movimentos sociais, como a Primavera Árabe.

Trazendo tudo isso para o Brasil em junho de 2013, podemos afirmar que essa era chegou por aqui. O que se vê é a transposição da web para o asfalto. Uma enorme quantidade de pessoas descobre que, sem intermediários, sem liderança formal, sem governança pré-estabelecida e no anonimato, tudo pode ser dito e postado. Se você ainda não está convencido de como esse movimento, denominado aqui de Invernada Tupiniquim, é a cara da web, vamos a algumas perguntas sobre ele:

Como é sua governança?

Quem manda, quem obedece?

Quem o controla?

Quem define o que pode ser dito?

A quem os manifestantes têm de permitir permissão para participar?

Se não notaram, essas são exatamente as características da web.

O que as pessoas perceberam é que não há mais necessidade de intermediários para que seus pleitos sejam ouvidos, por quem de direito, aqui e alhures.

O gatilho ou trigger da Invernada Tupiniquim foi o aumento das passa-

gens de ônibus. Mas o aumento, sozinho, não teria condição de produzir algo tão grande como o que vemos hoje. Assim, com a ajuda do Movimento Passe Livre (pt-br.facebook.com/passe-livresp), o gatilho disparou a Invernada Tupiniquim. Além disso, o trigger se acoplou à reação desproporcional da polícia aos manifestos conclamados pelo MPL na web, à recusa inicial dos governantes em negociar o aumento, ao início da Copa das Confederações, à prepotência dos dirigentes da Fifa, à vaia recebida pela presidente da República em estádio de futebol de Brasília. Tudo isso mediado e amplificado pela possibilidade de as pessoas poderem, em tempo real, enxergar o que ocorria nas ruas, comentar os acontecimentos em suas páginas na web, postar seus comentários e indignações nas redes sociais, filmar os eventos com seus celulares e disponibilizar seus filmes na rede.

É óbvio que nada disso teria ocorrido se não houvesse, numa grande parte da população, um represamento crescente de frustrações, liberadas tal qual a energia contida em um terremoto, um vulcão ou um tsunami.

Todos sabemos que a web é anárquica. Anarquia entendida aqui como a capacidade de se autogerir ou governar. Quem é o dono da web? Quem a controla?



SÃO PAULO, 17 DE JUNHO / Manifestantes no Largo da Batata, na zona oeste da capital, em protesto marcado pelo Facebook

A resposta é simples: ninguém e todos ao mesmo tempo. Esse é o movimento mediado pela web mais anárquico que o mundo já viu até hoje. Portanto, é o movimento no asfalto que mais simula o ambiente virtual dos nossos computadores, celulares, smartphones e tablets.

As pequenas mensagens trazidas em cartazes pelos manifestantes são os 140 caracteres do Twitter; os centenas de abaixo-assinados criados na web são os plebiscitos e os referendos de que tomamos parte no atual sistema eleitoral. É a web criando vida e tornando-se real.

Pode-se também perceber algo de novo nas próprias coberturas televisivas da Invernada Tupiniquim. A maior parte dos vídeos passados pelos noticiários na TV é feita pelos próprios manifestantes, que os produzem e postam na web. Os anônimos são, portanto, prota-

gonistas de si mesmos. Mais uma vez, dispensam os intermediários. Assim, o que mais impressiona nesse movimento é sua enorme semelhança com a web. Muito mais do que as outras manifestações analisadas e estudadas pelos acadêmicos de e-participation, a Invernada Tupiniquim é a cara da era digital.

Estamos, assim, no melhor dos mundos e no pior dos mundos. No melhor porque os cidadãos descobriram que não precisam de políticos intermediários para reclamar seus direitos. Descobrem que a web lhes permite participar, de forma libertária, anônima e direta, de uma democracia digital que dispensa intermediações.

Mas estamos também no pior dos mundos. Como lidar com um movimento que não tem pauta de reivindicação ou processo de governança? Não

à toa, governos e políticos estão tontos. É claro! Nunca nenhum país teve que lidar com uma situação dessas até hoje.

A internet é neutra e apartidária. Mas pode ser um ator protagonista cada vez mais importante em demandas e movimentos sociais. É isso que seria interessante, didático e pedagógico que o governo compreendesse. Assim, quanto mais pessoas incluídas no mundo digital, mais contas o governo terá de prestar a essas pessoas, e mais conscientes elas ficarão de que, mais do que estatísticas, são cidadãos de um mundo verdadeiramente real, e não digital.

Luiz Antonio Joia, xx anos, é professor adjunto da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (Ebape), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Coordena o elab, Laboratório de Pesquisa em Governo e Negócios Eletrônicos da Ebape/FGV.